
A RELIGIÃO FLUÍDA E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES JUVENIS*

Clelia Peretti**, Rangel Max Lima Vidal***, Maria
de Lourdes Koerich Belli Stella****

Resumo: *este estudo nasce no contexto da experiência profissional com jovens de idades e crenças religiosas diferentes. Compreende-se a relevância da relação da juventude com a religião como um dos aspectos da experiência humana que participa intensamente da constituição das subjetividades juvenil. O presente artigo objetiva compreender a relação entre juventudes e religião na pós-modernidade, analisar o papel da religião na formação da identidade das juventudes e a religiosidade das juventudes e sua vivência. Enfatiza a diversidade do fenômeno religioso atual, sua constante transformação em todos os seus aspectos, uma vez que existe uma troca quase constante de ideias, ritos, símbolos e doutrinas, levadas de um lado para outro pela mídia, o que dificulta identificar quais elementos pertencem ou não a determinados grupos religiosos. O grande desafio está na formação das juventudes e no modo de compreender a experiência religiosa, sentir seus valores, vivências e dinâmicas existenciais. A nova concepção de juventude representa agora o pleno desenvolvimento humano e não mais um estágio preparatório para a vida adulta. A juventude é um momen-*

* Recebido em: 03.04.2018. Aprovado em: 30.09.2018.

** Pós-doutora (Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche e Pontificia Universidade Lateranense - Roma). Doutora em Teologia (Faculdades EST). Mestrado em Educação (PUCPR). Licenciatura em Pedagogia (Universidade do Sagrado Coração - Bauru/SP). *E-mail:* clelia.peretti@pucpr.br

*** Mestre em Sociedade e Desenvolvimento (Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão). Especialista em Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso (Instituto Dimensão). Graduado em História (Universidade Estadual do Paraná - Campus de Paranavaí). *E-mail:* rangel.educar@gmail.com

**** Especialista em Docência do Ensino Religioso (Faculdade Cristã de Curitiba). Especialista em Metodologia do Ensino Superior (UNINTER). Bacharel em Teologia (Faculdade Cristã de Curitiba). *E-mail:* malubellistella@gmail.com

to de transição, com oscilações em todas as dimensões, sem estágios fixos ou predeterminados. É a passagem da dependência para a autonomia, assumindo seus direitos e responsabilidades.

Palavras-chave: *Religião. Juventudes. Pós-modernidade.*

Rubem Alves em seu livro *O que é a religião?*, nos convida a debruçarmos sobre as perguntas e incertezas que surgem através de um olhar cheio de dúvidas, sobre a religião, seu surgimento, qual sua influência na vida cotidiana. O autor nos convida, ainda, analisar e refletir sobre este fenômeno religioso. Em sua obra fala sobre as perspectivas da religião, desde os tempos em que as pessoas não tinham nenhum tipo de religião, sobre seu surgimento e sentido, sobre o sentido da vida, da morte, dos símbolos etc. Define a religião como “o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência que a vida faça sentido” (ALVES, 2008, p. 9). A proposta do autor é que o estudo da religião não deva ser de forma isolada dos grupos sociais, antes deve ser como um espelho em que nos vemos. O conhecimento e as atividades do homem moderno por mais privadas que estejam da linguagem religiosa, no fundo apresentam as mesmas perspectivas religiosas do passado. Assevera que:

houve tempo em que os descrentes, sem amor a Deus e sem religião, eram raros. Tão raros que eles mesmos se espantavam com suas descrenças e a escondia, como se ela fosse uma peste contagiosa. E de fato o era. Tanto assim que não foram poucos os que acabaram queimados na fogueira, para que sua desgraça não contaminasse os inocentes. Todos eram educados para ver e ouvir as coisas do mundo religioso, e a conversa cotidiana, este tênue fio que sustenta visões de mundo, confirmava - por meio de relatos de milagres, aparições, visões, experiências místicas, divinas e demoníacas – que este é um universo encantado e maravilhoso no qual, por detrás e através de cada coisa e cada evento, se esconde e esse revela um poder espiritual (ALVES, 2008, p. 9).

A modernidade rompe com uma visão monolítica presente na época medieval e instaura um processo de secularização em que a religião perde o lugar de referência primordial para a compreensão do mundo. Além disso, a modernidade é caracterizada pela transitoriedade e, envolve um processo interminável de rupturas e fragmentações que pode ser constatado nos dias atuais nas diversas esferas da vida social. A religião compreendida sob a ótica atual abre espaço para que a experiência religiosa possa ser factível ainda sem o auxílio de um grupo de apoio. Assim, torna-se cada vez mais difícil dividir ou classificar os indivíduos entre crentes ou não crentes, as pessoas vivenciam um desejo intenso de

autenticidade que faz com que a escolha religiosa e a própria crença sejam elementos determinantes dessa busca.

Na pós-modernidade quando falamos de fenômeno religioso, precisamos ter em mente que estamos tratando de uma realidade absolutamente diferente de tudo que já se viu até o momento em termos de experiência com o sagrado. Verifica-se uma enorme diversidade no fenômeno religioso atual, constantes transformações em todos os seus aspectos, uma vez que existe uma troca quase constante de ideias, ritos, símbolos e doutrinas, levadas de um lado para outro pela mídia, o que dificulta identificar quais elementos pertencem ou não a determinados grupos religiosos. O que se verifica como marca desse fenômeno é a diversidade, a heterogeneidade, o misticismo, o hibridismo religioso e o pragmatismo (as coisas valem enquanto funcionam).

De acordo com Ferry e Gauchet (2008, p. 7), “vivemos o retorno do religioso”, e “não a morte de Deus”. Os fenômenos religiosos são e não são ao mesmo tempo, a liquidez e a volatilidade também é um sinal da pós modernidade e se reflete da mesma forma na religião e na sua escolha. Segundo Ferry e Gauchet (2008, p.7), assistimos a um duplo processo: de um lado, a “saída da religião” e, do outro, a “individuação do crer”. De fato, apaga-se a visão de mundo estruturada pela religião (como heteronomia), “uma concepção em que o religioso impregna os setores da vida pública e da privada. Reivindica-se em nome da livre escolha pessoal – ou não - uma crença religiosa.

Observa-se, assim, que o religioso, como busca do absoluto, da transcendência, como busca de sentido sobre a morte, sobre a vida, está longe de desaparecer na época pós-moderna. Ele persiste nem mesmo os reducionismos mais radicais não conseguem fazê-lo desaparecer. Embora com o surgimento da ciência a religião perdeu um pouco de espaço, pois tem lugar que a religião já não entra mais. De acordo com Rubem Alves, a “Religião não está morta só perdeu um pouco de espaço”. A religião nunca desapareceu. Ela permanece e frequentemente exibe uma vitalidade que se julgava extinta. A religião frequenta hoje lugares que nunca lhe pertenceram: campos do saber científico, elaboração de planos militares, de programas econômicos, de planos de desenvolvimento sustentável, dos campos da saúde, da educação, etc. No passado, “uma pessoa sem religião era uma anomalia”. No mundo secularizado as coisas se inverteram (ALVES, 2008, p. 11). O fenômeno religioso se caracteriza por experiências religiosas especiais referentes ao sagrado e ao sobrenatural. No nosso mundo secularizado, transformam-se os nomes, mas persiste a mesma função religiosa. Com frequência as pessoas se colocam as mesmas perguntas do passado, articuladas agora, transvestidas, por meio de símbolos secularizados (ALVES, 2008, p. 12).

Para Luckmann (2014, p. 8), a religião possui função funcionalista e antropológica: “A religião não é só um complexo de imaginações do além; o fenômeno religioso já se apresenta na socialização de cada um de nós, na objetivação de

experiências subjetivas e na individuação de cada um”. Deste modo, a religião não se circunscreve apenas num viés antropológico. “A religião é – enquanto fenômeno social – essencialmente um construto comunicativo”, pois, fornece meios ao sujeito para interpretar as experiências subjetivas (LUCKMANN, 2014, p. 11). Essas formas sociais de religião levam a constituição de um fenômeno religioso individual, assim como a um processo de socialização que internaliza uma visão de mundo histórica. “O sistema objetivo de significado se transforma em realidade subjetiva. Isso significa que os esquemas interpretativos e os modelos de conduta, objetivados na visão de mundo, se sobrepõem ao fluxo subjetivo de consciência” (LUCKMANN, 2014, p. 92).

Assim, cabe a nós pensar o estatuto desse religioso, inquieto, problemático e incerto num universo laicizado. A época pós-moderna caracteriza-se por uma ininterrupta referência e percepção de Deus, mas sem representar uma fé explícita. Olhando para o imaginário religioso das juventudes universitárias observa-se que não faltam ligações com as instituições religiosas, experiências e vivências de fé individuais. Desse modo, objetiva-se compreender a relação entre juventudes e religião na pós-modernidade, analisar o papel da religião na formação da identidade das juventudes, a religiosidade das juventudes e sua vivência.

Disso decorre a importância das ressignificações para a compreensão da religião na formação da identidade das juventudes. Ao ingressarem na sociedade e, de modo particular na universidade os jovens experimentam o *novum e*, a propósito da religiosidade ou da espiritualidade juvenil essa “não se traduz em certezas, mas em fé e esperança”. Ela é mais heterodoxa, dinâmica, sincrética, integradora e comunitária (TOMAZI, 2013, p. 209)

Nesta perspectiva as juventudes vêm assumindo um estilo diverso do passado em relação a religião. As juventudes hoje pertencem a um mundo cujo valor fundamental é a liberdade de escolha. Incorporado a esse discurso estão às experiências religiosas das juventudes pós-modernas que são caracterizadas por uma pluralidade religiosa que não ocorrem nos âmbitos tradicionais. Embora aparentemente pouco sensíveis ou distantes da instituição religiosa, se mostram em determinados contextos abertas à dimensão da transcendência. Logo, fica evidente que o grande desafio das juventudes é a apropriação das diferentes formas de vivência e de experiência religiosa.

JUVENTUDES E RELIGIÃO NA PÓS-MODERNIDADE

Nas últimas décadas a análise do fenômeno religioso tem se concentrado em aspectos como o sincretismo religioso, o pluralismo e a privatização da religião, temas que se interpenetram e explicam as modalidades da religião na atualidade. Na

nova configuração da relação indivíduo e religião vêm ocorrendo uma maior pluralidade nas formas de definição de pertença institucional ou nos modos de ser religioso.

Eric Hobsbawm (2000), na introdução da sua obra *Era dos extremos: O breve século XX – 1914-1991*, contribui com sua reflexão para nos fazer compreender as profundas mudanças advindas na sociedade no final dos séculos XX, inclusive na concepção de juventude quando afirma que:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem (HOBSBAWM, 2000, p. I).

A nova concepção de juventude representa agora o pleno desenvolvimento humano e não mais um estágio preparatório para a vida adulta. No final do século XX, a categoria juventude, torna-se um modelo cultural. O conceito de juventude está associado a descobertas, beleza, alegria, vivacidade, saúde, coragem e a disposição para o novo, entre outros aspectos. O que se opõe à qualidade de jovem é obsoleto e ultrapassado. Os jovens se organizam em grupos, sua linguagem é única e a busca pela novidade é constante. Segundo Libânio (2004, p. 38):

*na construção social contemporânea o ponto saliente da autocompreensão da juventude é a **liberdade**. Rejeita-se qualquer injunção externa, mas esquece-se de que a liberdade sem responsabilidade corre riscos tão grandes quanto sua negação. Rejeita-se uma moral repressiva, mas adota-se outra com novos fetiches constringentes.*

A pós-modernidade provocou profundas mudanças, também no modo de conceber a religiosidade. As experiências religiosas das juventudes não ocorrem nos âmbitos tradicionais religiosos, onde existe uma sociedade hierárquica, homogênea, mas em uma corrente de sequências aceleradas de fatores políticos, econômicos, sociólogos, históricos e culturais. As representações do transcendente são as mais variadas e a vivência do sagrado não só se dá dentro da religião, mas em todos os âmbitos da vida e, é aí que se insere a proposta de ampliar o debate social sobre a experiência religiosa e sua diversidade de possibilidades de manifestação.

Deste modo, a religião é considerada mais como uma questão de conveniência do que de Verdade, onde as instituições formais da religião são cada vez mais relegadas. Com base nessa ideia, pode-se dizer que, a religião passou a ser sim-

plesmente um clube social espiritual, cujo foco principal não é Deus, mas sim o próprio homem, onde se reúnem somente para buscarem algo metafísico, sem que lhe seja cobrado algo posteriormente. Falar de religiosidade significa possibilitar uma ruptura com relação ao real, ao vivido, e uma abertura em relação ao possível, ao desejado e ao utópico. Vislumbra-se, assim, a tentativa de uma libertação do “homem religioso” para que professe sua fé de acordo com aquilo que achar melhor para a sua vida espiritual, afastando-se dia após dia dos dogmas da religião e do compromisso.

Para Bauman (2008), as mudanças experimentadas pela sociedade pós-moderna modificaram a forma de interpretar o mundo, sua religiosidade e seu consumo. O modo de vida produzido nesta sociedade desvencilha-se de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedente. O contemporâneo passa a ser marcado pelo fim dos padrões, da estabilidade, da segurança e das certezas. Surge o tempo da indefinição, do medo e da insegurança. É a origem da crise de identidade do ser que, de tão múltiplo, perdeu-se em si mesmo e luta para buscar-se.

A transitoriedade fala sobre a inquietude, a rapidez em que é devorada e descartada a mercadoria, a volatilidade do produto e a necessidade de adquirir novos e estar sempre na crista da onda. O livro de Bauman, *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias* (2008), tem a incumbência de examinar a transformação dos indivíduos em mercadorias, ou seja, na busca desenfreada e sempre muito bem estimulada pela mídia, pela moda, pelos grupos sociais, de sempre se estar à frente do tempo, de ser notado, seguido, valorizado, e porque não cultuado.

Canevacci (2005), antropólogo italiano, cunhou o conceito de multiindivíduo para definir o homem pós-moderno, que não é mais “índi” de indivisível, mas “multi”, complexo, fugidio, fugaz. Não há mais uma única identidade, mas identidades no plural. Identidade móvel e flutuante, em trânsito, passageira. Personalidades múltiplas, limiares, boas e más, contraditórias, mas tão familiares.

Entretanto, estes conflitos de múltiplas personalidades não seguem uma ordem cronológica, não faz sentido facilmente e surgem de maneira aleatória. As incertezas não são as causas do medo, mas sim o ambiente dos perigos e das ameaças que casam medo, pois no desconhecido tudo pode acontecer. O surgimento desse medo apresenta de forma confusa, difusa e atinge todas as faixas sociais. Todo esse clima é gerado pela configuração que a sociedade pós-moderna assumiu, ou seja, a esfera do desconhecido, a busca constante pelo novo, do incompreensível, do incontrolável.

Desta maneira, o pior dos medos é a incapacidade de evitar a condição de estar com medo ou simplesmente não conseguir escapar dela. Os quadros de referência que davam ao indivíduo certa sensação de pertinência em um universo centra-

do, de alguma forma, entram em crise, e passam a se constituir em algo descentrado e fragmentado. Tal descentramento se opõe as culturas do passo que, a seu modo, forneciam aos indivíduos fortes localizações sociais. Estando em crise, a identidade se torna uma questão e, por isso, passa a ser tratada como algo passível de assimilação e compreensão pelo próprio indivíduo pós-moderno que quer ver, no seu descentramento, uma característica de sua própria localização social (HALL, 2003, p. 9).

O sujeito pós-moderno parece romper com a ordem segundo a qual ele era, no passado, centrado e mesmo determinado por estruturas estruturantes que, no atual período, apresentam-se totalmente deslocadas.

A RELIGIÃO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DAS JUVENTUDES

Um dos pontos relevantes a considerar nesse artigo é a transmissão das identidades religiosas de uma geração a outra, ponto de interesses de pais, educadores, instituições e pesquisadores, aspecto importante para o futuro das religiões históricas na pós-modernidade (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 57).

A transmissão dos valores de uma geração a outra é, para a sociedade a sua condição de sobrevivência no tempo. Assim, os tradicionais ritos de iniciação marcaram solenemente a entrada dos jovens na comunidade dos adultos. Os ritos, ao mesmo tempo, que efetuem e significam a incorporação social e simbólica dos novos grupos de jovens iniciados conferem ao grupo responsabilidade de assegurar a continuidade da transmissão de geração em geração (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Em nossa sociedade a crise de transmissão da identidade religiosa mudou sua natureza, as lacunas que observamos entre o universo cultural e as diferentes gerações as quais não correspondem mais aos ajustamentos, inovações e adaptações da vida social que os tornam necessários. As rupturas culturais englobam a memória, os valores, os fundamentos dos laços sociais existentes e atingem a identidade social, a relação com o mundo e suas capacidades de comunicação entre as pessoas. Atinge também escola, universidade, igreja, dentre outras instituições que compõe a sociedade (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 58).

Para compreender a transmissão da identidade religiosa enquanto instituição é necessário compreender que a transmissão envolve aquilo que é próprio de sua gênese e de sua existência, a saber, a continuidade da memória que o funda. Portanto, nas sociedades tradicionais o universo simbólico religioso está estruturado por um conjunto de mitos que explicam a origem do mundo e do grupo, ou seja, a memória coletiva que é dada. Aqui podemos ressaltar que as sociedades pós-modernas estão cada vez menos sem memória (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 61-62).

A identidade do jovem universitário se funda na relação social, através das produções

simbólicas, elas são construídas ao longo do tempo, e não são dadas, são instáveis e passíveis de transformação (NOGOSEKE, 2013, p. 45). Neste contexto de transmissão de identidade religiosa entrelaça-se nessa transformação do jovem pós-moderno, a instituição Igreja sujeito de direito eclesial e social, assim o jovem contribui para a ação da Igreja. Sendo a juventude o ponto de partida para o diálogo entre a Igreja e o mundo pós-moderno. Desta forma, cabe a Igreja canalizar as energias dos jovens e acreditar no contexto cultural o qual está inserido (NOGOSEKE, 2013, p. 62-63).

A dupla constituição da matriz da identidade do jovem entrelaça na evangelização da Igreja, sendo responsabilidade da instituição religiosa a formação da identidade desses jovens. A grande questão das instituições educativas é proporcionar uma formação adequada aos jovens que responda as expectativas do contexto atual para produzir aos mesmos reflexões aprofundadas. Apesar dos esforços destas instituições educativas, a formação, ainda, se encontra fragmentada em seus valores. O processo de constituição da identidade, é natural e cada jovem pode colocar-se a procura de referências relevantes (NOGOSEKE, 2013, p. 64-65). A ação do jovem não é algo separado da realidade, não é um rompimento com as coisas do mundo, mas, torna-se lugar de comprometimento com o outro enquanto lugar de construção do mundo.

A RELIGIOSIDADE DAS JUVENTUDES E SUA VIVÊNCIA

O ser humano, afirma Leonardo Boff (2003), não possui apenas *exterioridade* que é sua expressão corporal. Nem só *interioridade* que é seu universo psíquico interior. Ele vem dotado também de *profundidade* que é sua dimensão espiritual.

A religiosidade pode ser considerada como uma experiência interior da pessoa humana. Nessa perspectiva o conhecimento pode criar a causalidade e, por conseguinte a religiosidade (SIMMEL, 1992, p. 173; CIPRIANI, 2007, p. 121). Assim a religiosidade é caracterizada por uma atitude interna do ser humano, a qual é expressa pela exterioridade. Entretanto, algumas vertentes do conhecimento limitam-se ao entendimento de religiosidade às camadas sociais menos favorecidas economicamente, já que é possível definir a religiosidade popular “como a experiência religiosa de comunidades pobres, socialmente oprimidas e culturalmente marginalizadas” (POEL, 2013, p. 891).

Neste aspecto é importante considerar que por religiosidade, entende-se a manifestação da experiência religiosa, da experiência da transcendência, feita por pessoas e grupos e expressa nas suas diversas formas individuais e culturais (orações, crenças, festas, celebrações, símbolos, ritos e rituais). Como afirma Tomazi: “a religiosidade acontece dentro de um processo histórico e cultural e, sendo assim, vários outros fatores influenciam e são influenciados por ela” (TOAMAZI, 2013, p. 203).

Pode-se considerar a crença em um ser sobrenatural, transcendente, considerado criador e mantenedor da ordem cósmica que se expressa através de atos e objetos visíveis. Assim a religiosidade busca o princípio infinito na origem da vida e do universo, bem como na sua conservação e ordem, manifestada publicamente e exteriormente. Neste sentido, a religiosidade é uma experiência profundamente antropológica, uma vez que é próprio do ser humano revelar com clareza e visibilidade e transpor-se além de si mesmo, ou seja, transcender-se. Portanto a religiosidade não é traduzida em certezas, mas através da fé e da esperança (TOMAZI, 2013, p. 209).

Deste modo, a religiosidade juvenil, não pode ser compreendida pela fantasia, ela deve ser analisada e compreendida pelos símbolos, significados e sentidos de vida que as juventudes e os grupos expressam através do que lhes foram transmitidos pelas gerações, aquilo que é inventado, recebido, aceito, vivido e ressignificado pela história e pela cultura (TOMAZI, 2013, p. 14). Os jovens experimentam a religiosidade como algo novo na sociedade. A experiência religiosa é algo que dá sentido à vida e abre à compreensão da religiosidade num sentido mais vivencial (TOMAZI, 2013, p. 203). Defina-se como uma “percepção da presença do sagrado por parte do sujeito que a faz” (LIBÂNIO, 2002, p. 92). A religião torna-se, nesse sentido, o canal através do qual essa religiosidade passa.

Sabe-se que nem todos os jovens aderem a uma espiritualidade específica, mas a grande maioria das juventudes busca uma e valorizam as experiências espirituais. O jovem busca a Deus quando tem momentos de encontro com Ele, seja por meio da oração, das atividades cotidianas ou das práticas religiosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo discutiu a relação entre juventudes e religião na pós-modernidade, constatou-se que nas últimas décadas o fenômeno religioso se apresenta como um fenômeno plural, sincrético e privado. Há diferentes modalidades de se aproximar ao fenômeno religioso, de vivenciar a experiência religiosa e formas diferenciadas de pertencimento aos grupos religiosos. Dessa forma, é possível afirmar a ruptura dos sujeitos pós-modernos com seu passado, pois as estruturas atuais apresentam-se totalmente deslocadas.

A partir desta ruptura, os jovens passam cada vez mais, a misturar em si, diferentes crenças, comportando na grandeza de suas experiências, vários perfis de identidades religiosas. O imaginário religioso dos jovens fica então mais flexível, permitindo novas construções de fé, novas formas de experimentar o contato com algo que transcende impossível de ser apreendido exclusivamente de fora para dentro, sem uma perspectiva reflexiva. A juventude atual pode ser

a primeira a estar de fato rompendo com uma forma de transmissão linear da experiência religiosa.

Neste cenário, as religiões deixam de ser compreendidas como detentoras de uma suposta verdade, não mais se opondo na busca por ela. O que parece se processar a partir de então é uma troca maior entre as diferentes doutrinas religiosas. Cada religião passa a ser compreendida como mais uma forma de expressão cultural, única e legítima no seu empreendimento de busca pelo sagrado.

A dimensão religiosa de hoje parece não estar contida em territórios pré-definidos e bem demarcados, como no caso dos dogmas antigos. Torna-se, portanto, infecundo, buscar vislumbrar nela os limites de tais territórios. Sua organização não mais se sustenta dentro de uma estrutura de pensamento pautada pela lógica anterior. Ao contrário disso, ela se inscreve sobre o signo de uma nova lógica, mais híbrida no seu modo de operar.

Verifica-se, deste modo, uma diversidade religiosa maior, em que cada um, independente da escolha familiar, trilha caminhos particulares. A religião assume para a juventude, a forma de uma fé que não se limita à doutrina de qualquer crença específica, mas que se liberta, podendo ser apreendida e construída de diversas maneiras diferentes. Neste sentido, esta é uma concepção de religião que não se constitui descolada da vida, mas que pelo contrário encontra nela a sua razão de ser, permitindo que cada um se sinta mais livre para significar a sua maneira a dimensão do sagrado.

RELIGION AND ITS IMPLICATIONS IN THE CONSTRUCTION OF JUVENILE SUBJECTIVES

Abstract: this study is born in the context of professional experience with young people of different ages and religious beliefs. The relevance of the relation of youth to religion is understood as one of the aspects of human experience that participates intensely in the constitution of youthful subjectivities. This article aims to understand the relationship between youth and religion in postmodernity, to analyze the role of religion in the formation of the identity of youth and the religiosity of youth and their experience. It emphasizes the diversity of the current religious phenomenon, its constant transformation in all its aspects, since there is an almost constant exchange of ideas, rites, symbols and doctrines, taken from one side to another by the media, which makes it difficult to identify which elements belong or not to certain religious groups. The great challenge lies in the formation of the youth and in the way of understanding the religious experience, of feeling their values, experiences and existential dynamics. The new conception of youth now represents full human development and no longer a preparatory stage for adult life. Youth is a moment of

transition, with oscillations in all dimensions, without fixed or predetermined stages. It is the transition from dependency to autonomy, assuming its rights and responsibilities.

Keywords: *Religion. Youth. Postmodernity.*

Referências

- ALVES, R. *O que é a Religião?* 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. E-book.
- BAUMAN, Z. *Vida para Consumo. A transformação das pessoas em mercadoria.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOFF, L. *Espiritualidade: caminho de realização.* Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CANEVACCI, M. *Culturas Extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles.* Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CIPRIANI, R. *Manual de Sociologia da Religião.* São Paulo: Paulus, 2007.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HERVIVEU-LÉGER, D. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento.* Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis. Vozes, 2008.
- HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LIBÂNIO, J. B. *Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais.* Edições Loyola. São Paulo, 2004.
- LIBÂNIO, J. B. *A religião no início do milênio.* São Paulo: Loyola, 2002.
- LUCKMANN, T. *A religião invisível.* São Paulo: Olho d'Água, Loyola, 2014.
- NOGOSEKE, E. T. C. *Jovens evangelizando jovens: uma experiência de protagonismo juvenil.* Dissertação de Mestrado-Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2013.
- POEL, F. V. D. *Dicionário da Religiosidade Popular: cultura e Religião no Brasil.* Curitiba: Nossa Cultura, 2013.
- SIMMEL, G. *La religione, em Saggi di sociologia della religione.* Trad. it. de M. Marroni, prefácio e organização de Roberto Cipriani. Borla, Roma, 1992.
- TOMAZI, G. *Juventude: protagonismo e religiosidade.* São Paulo: Paulinas, 2013.